

**«Senhor, se quiseres, podes curar-me» (Mt 8,2)
A oração de intercessão para pedir a cura, o não contágio, o fim da pandemia¹**

Duarte Sousa Lara

1. COVID-19: Uma experiência de finitude que nos pode abrir a Deus

A inesperada pandemia do SARS-CoV2, na qual ainda nos encontramos atualmente, veio alterar, de maneira mais ou menos profunda, o quotidiano de toda a humanidade. De um momento para o outro, deparámo-nos com um problema sem resolução fácil nem imediata. Foi humilhante. Na era da nanotecnologia e da inteligência artificial o homem parece derrotado por um vírus que nem se quer se consegue observar com um microscópio ótico. Esta experiência inesperada da nossa incapacidade, gerou incerteza, ansiedade e frustração. Surgiram os confinamentos, as máscaras, o distanciamento social mas mesmo assim a pandemia não parou. A ciência afinal não é toda-poderosa. O homem do século XXI afinal é frágil. Experimentamos de um modo amargo a nossa condição de criaturas limitadas, de criaturas finitas.

Contudo esta humilhação que estamos a viver, esta aparente derrota, pode tornar-se numa grande bênção, na medida em que nos ajudam a redescobrir a verdade esquecida de quem é o homem – de quem realmente somos – e a, no meio de tanta desolação, levantar os olhos ao Céu e suplicar ajuda a Deus. Infelizmente, parece que, às vezes, torna-se necessário experimentar de um modo mais dramático a nossa impotência para nos abirmos ao Todo-Poderoso. Com frequência, os sofrimentos desta vida, permitidos por Deus, são um convite à conversão, ao abandono da nossa auto-suficiência e ao aceitar humildemente a nossa condição de criaturas dependentes do Criador. Como diz sabiamente o povo português: «Há males que vêm por bem».

Quando pegamos na Escritura e meditamos na história da salvação vemos que as misérias humanas de todos os tipos foram, com frequência, ocasiões para que se manifestasse o amor misericordioso de Deus. O Deus de Israel é um Deus que salva, que resgata, que liberta, que cura, que defende, que guia. O Povo de Deus oprimido pelo mal sob tantas formas experimenta continuamente a solicitude d’Aquele que é mais forte que todo o mal e que é o Senhor da história. O mal não tem a última palavra quando confiamos em Deus, porque Jesus (Javé salva)!

Outra das importantes verdades que aprouve a Deus revelar-nos já na Antiga Aliança foi o facto de existir um misterioso nexa entre o mal físico e o mal moral – «incomensuravelmente mais grave que o mal físico»² – entre a morte e o pecado. Desde o primeiro livro da Bíblia que podemos constatar que o pecado tem consequências a vários níveis, gera desordem, divide, mata, destrói. Sobretudo separa-nos de Deus fonte da vida e do amor. Todos experimentamos diariamente as amargas consequências do pecado de Adão. Nesta linha, no evangelho de S. João, Jesus depois de curar o paralítico junto à piscina probática diz-lhe: «vai e não tornes a pecar para que não suceda algo de pior» (Jo 5,14). Simultaneamente, é necessário sublinhar que não todo o mal físico que sofremos é sempre uma consequência direta dos nossos pecados ou daqueles que nos rodeiam. Confrontados com um cego de nascença os discípulos perguntaram a Jesus: «quem foi que pecou para este homem ter nascido cego? Ele, ou os seus pais?» (Jo 9,2). E Jesus responde-lhes: «Nem pecou ele, nem os seus pais, mas isto aconteceu para nele se manifestarem as obras de Deus» (Jo 9,3).

1 *In* D. da Cunha - J. Seabra - J. Vergamota (eds.), «Firmes na Esperança. Reflexões cristãs em tempo de pandemia», Lucerna, Cascais 2021, pp. 199-208: <https://lucernaonline.pt/livro/firmes-na-esperanca/>

2 *Catecismo da Igreja Católica*, n. 311.

Mas se Deus é tão bom e todo-poderoso porque permite que sofram? É a eterna questão da existência do mal. Certamente uma das interrogações mais frequentes no coração de todos os homens. É uma pergunta que explicitamente ou implicitamente todos fazemos, sobretudo quando o sofrimento nos bate à porta. «A permissão divina do mal físico e do mal moral é um mistério, que Deus esclarece por seu Filho Jesus Cristo, morto e ressuscitado para vencer o mal. A fé dá-nos a certeza de que Deus não permitiria o mal, se do próprio mal não fizesse sair o bem, por caminhos que só na vida eterna conheceremos plenamente»³.

O silêncio de Deus deixamos aparentemente sozinhos quando experimentamos o mistério do sofrimento, o mistério da Cruz. Foi a experiência de Job. É a hora da prova, que o Bom Deus permite para nosso crescimento espiritual e amadurecimento humano. O sofrimento quase que nos obriga a crescer humana e espiritualmente. Que fácil que seria cometer a loucura de abandonar Deus se a vida fosse sempre um mar de rosas. É na fraqueza, no falhanço, na derrota que se manifesta o poder de Deus (cf. 2Cor 12,7).

O facto de que Deus permita o mal, não implica – como erroneamente pensam alguns –, que Deus se alegre o seja a causa direta do mal. Deus, enquanto Criador, é a causa da liberdade humana e angélica, as quais são as causas do mal moral (pecado) e conseqüentemente dos males físicos que lhe seguem. Deus, depois na Sua infinita sabedoria e providência consegue “reciclar” o mal em nosso favor, em nosso benefício espiritual e humano. Foi o que aconteceu em máximo grau na Cruz de Jesus. Deus converteu o maior mal – a injusta e cruenta morte do Seu Filho Unigénito – no maior bem, a salvação da humanidade e a renovação do universo.

2. «Orai uns pelos outros para que sejais curados» (Tg 5,16)

Perante a força opressora do mal em todas as suas formas, o homem sempre elevou o seu espírito ao Todo-Poderoso suplicando por misericórdia. É um movimento natural, espontâneo, que podemos fazer por nós próprios o intercedendo por outros que nos são caros. Na Sagrada Escritura, são muito abundantes as súplicas deste tipo, súplicas estas que o nosso Bom Deus atende sempre com benevolência mas por vezes de um modo misterioso. Quem nunca fez a experiência da aparente surdez ou indiferença de Deus às suas súplicas? Quando Deus não nos dá exatamente aquilo que Lhe pedimos, no modo como pedimos, não o faz nunca porque não nos ouça ou não queira saber de nós. «Deus é amor» (1Jo 4,8), e deixou claro o quanto nos quer bem dando-nos o Seu próprio Filho. «Deus amou tanto o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que n’Ele crê não se perca, mas tenha a vida eterna» (Jo 3,16). Deus ama-nos sempre e escuta as nossas preces, mas tal como um bom pai não dá sempre o que os filhos lhe pedem, assim o Pai do Céu não nos dá sempre o que lhe pedimos mas o que mais nos convém. Na realidade os filhos pequenos, com frequência, não sabem o que pedem porque não conhecem ainda o que mais lhes convém. «Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para satisfazer os vossos prazeres» (Tg 4,3).

Será, então, que é lícito pedir a Deus o fim da COVID-19? «Filho, não desanimes na doença, mas reza ao Senhor e Ele curar-te-á» (Sir 38,9). Podemos e devemos pedir a Deus com perseverança o fim desta pandemia e a cura de todos os doentes, mas como não conhecemos se é isso o que de facto mais nos convém para a nossa salvação eterna, temos de deixar o quando e o como à divina Providência que, tendo em conta as nossas súplicas, o fará da maneira mais conveniente para o nosso crescimento espiritual e humano, sabendo que «tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus» (Rm 8,28).

Para além da Escritura, seja na liturgia, seja na piedade popular, encontramos testemunhos eloquentes desta ininterrupta tradição de pedir a Deus a cura das doenças que nos afligem. Não é

3 *Catecismo da Igreja Católica*, n. 324.

por acaso que um dos sacramentos da Nova Aliança, instituídos pelo próprio Jesus, é o sacramento da Unção dos Doentes. A Igreja na liturgia reza continuamente pela cura dos doentes. E não faltam, na piedade popular, novenas, peregrinações, e orações suplicando a cura das doenças e das pandemias.

3. Fé na onipotência de Deus, na sua providência e misericórdia

A experiência do sofrimento que esta pandemia nos trouxe é certamente uma prova à nossa fé. No meio de tanto sofrimento, somos chamados a sobretudo a não duvidar da bondade do plano de Deus. Testemunha desta fé no Deus providente, S. Tomás Moro, numa carta à sua filha, antes de padecer o martírio, escrevia: «não deixes que se te turbe o animo por nada que aconteça neste mundo. Nada acontece que não seja a vontade de Deus. E eu estou certo de que qualquer coisa que aconteça, por terrível que pareça aos olhos, será sempre de facto o melhor»⁴. Somos chamados a confiar na Bondade e na Providência de Deus apesar das dolorosas circunstâncias em que nos encontramos e que parecem sugerir o contrário. Somos chamados abraçar e a participar no mistério da Cruz de Jesus. Mistério doloroso, certamente, mas simultaneamente e sobretudo, fecundo e redentor. Pode, por vezes, ser difícil acreditar e viver assim, mas esta é a única estrada que depois da noite da dor conduz à aurora da ressurreição. Na verdade «sem a fé é impossível agradar a Deus» (Hb 11,6).

Mas mais, Deus convida-nos não só a acolher com fé o Seu plano de amor e salvação, mas a participar ativamente nele. «Deus é o Senhor soberano dos seus planos. Mas, para a realização dos mesmos, serve-Se também do concurso das criaturas. Isto não é um sinal de fraqueza, mas da grandeza e bondade de Deus onipotente. É que Ele não só permite às suas criaturas que existam, mas confere-lhes a dignidade de agirem por si mesmas, de serem causa e princípio umas das outras e de cooperarem, assim, na realização do seu desígnio»⁵. Para os homens, criados à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,26), isto significa, cooperarem com o plano de Deus fazendo uso pleno da sua liberdade. Deus «assim lhes concede que sejam causas inteligentes e livres, para completar a obra da criação, aperfeiçoar a sua harmonia, para o seu bem e o dos seus semelhantes. Cooperadores muitas vezes inconscientes da vontade divina, os homens podem entrar deliberadamente no plano divino, pelos seus atos e as suas orações, como também pelos seus sofrimentos»⁶.

Deus conta pois, com o nosso generoso empenho nesta luta contra o mal. Deus quer contar com o pequeno sim de cada um, com cada Avé-Maria rezada com amor, para realizar o Seu plano na história. Nesta linha o papa Bento XVI lembra-nos que: «cada cristão sabe bem que deve fazer tudo aquilo que pode, mas que o resultado final depende de Deus: esta consciência ampara-o no cansaço de cada dia, de maneira especial nas situações mais difíceis»⁷. Jesus conta com os nossos “cinco pães e dois peixes” (cf. Jo 6,1-15).

4. Com a Páscoa de Jesus, Deus Pai já venceu o mal

Uma das grandes alegrias que caracteriza a fé cristã é a de saber que pela Páscoa de Jesus, o mal, físico e moral, e o seu instigador, o demónio, já foram irrevogavelmente vencidos na Cruz, embora ainda produzam os seus efeitos na história. «Como núcleo e centro da sua Boa Nova, Cristo anuncia a salvação, esse grande dom de Deus que é libertação de tudo aquilo que oprime o homem, e que é libertação sobretudo do pecado e do maligno, na alegria de conhecer a Deus e de ser por ele conhecido, de o ver e de se entregar a ele. Tudo isto começa durante a vida do mesmo Cristo e é

4 E. F. Rogers (ed.), *The Correspondence of Sir Thomas More*, Princeton 1947, p. 531.

5 *Catecismo da Igreja Católica*, n. 306.

6 *Catecismo da Igreja Católica*, n. 307.

7 Bento XVI, *Angelus*, 17.06.2012.

definitivamente alcançado pela sua morte e ressurreição; mas deve ser prosseguido, pacientemente, no decorrer da história, para vir a ser plenamente realizado no dia da última vinda de Cristo, que ninguém, a não ser o Pai, sabe quando se verificará»⁸.

Tudo isto significa que a COVID-19 não tem a última palavra, passará como todo o mal está destinado a desaparecer. E enquanto perdura, Deus, de um modo que só Ele o consegue fazer, “recicla-o” para glória do Seu Nome e para nosso benefício. Como diz o nosso povo: «Deus escreve direito por linhas tortas». Nós, infelizmente, com frequência, caímos na tentação de tentar “endireitar” as “linhas tortas” de Deus, sem dar-mos conta que ao fazê-lo estragamos os “poemas” do Céu. «Na cruz de Cristo não só se realizou a Redenção através do sofrimento, mas também o próprio sofrimento humano foi redimido. (...) Realizando a Redenção mediante o sofrimento, Cristo elevou ao mesmo tempo o sofrimento humano ao nível de Redenção. Por isso, todos os homens, com o seu sofrimento, se podem tornar também participantes do sofrimento redentor de Cristo»⁹.

5. A divina indulgência com o mal

Certamente um dos mistérios mais difíceis de compreender pelo homem é o da divina permissão com o mal. Porque é que Deus permite tanto mal e por tanto tempo? Talvez possamos encontrar alguma luz na famosa parábola do trigo e do joio. Por muito que nos custe aceitar, Deus quer que o trigo e o joio cresçam juntos na história, e também quer que não arranquemos o joio antes da ceifa (cf. Mt 13,24-46). Não é fácil compreender esta divina indulgência com o mal, ela com frequência escandaliza-nos.

É muito importante que ter sempre presente que *Deus não semeou o joio*, Ele não quer diretamente o mal nem o causa, mas simplesmente o permite, o tolera, incorporando-o no Seu Plano de amor e salvação. Porquê? Porque não quer que nada de fatal aconteça ao trigo que Ele semeou, ou seja, Ele quer que o trigo dê fruto abundante até à ceifa. «O Senhor não se atrasa em cumprir a sua promessa, como julgam alguns. Pelo contrário, Ele é extremamente paciente para convosco porque não quer que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento» (2Pd 3,9). Isto não significa dizer que nós não devemos lutar contra o mal, sim devemos combatê-lo, mas devemos fazê-lo com o modo de Deus. E como luta Deus contra o mal? Convertendo o nossos corações a Ele, não à força – “arrancando o joio” – mas atraindo-os com a força da verdade e do amor. Foi assim que Jesus fez durante a Sua vida entre nós. Só o amor e a verdade podem definitivamente curar a verdadeira causa do mal, o abuso da liberdade.

8. A salvação é acontecimento e ao mesmo tempo processo

Esta divina indulgência com o mal na história, é pois, a consequência do plano divino de trazer o homem de volta a Si, não forçando-o mas convertendo-o, falando-lhe ao coração com paciência e pedagogia. Este facto, torna a história humana uma história da salvação, uma história das iniciativas de Deus para com o homem e da resposta do homem às iniciativas amorosas de Deus. A salvação da humanidade é pois um processo, uma história, tal como a história de um casamento, nesse processo o ápice é certamente o dom de Si mesmo que o Pai nos faz em Cristo, mas esta vitória objetiva e definitiva sobre o mal que Jesus nos alcançou na Cruz deve depois fazer-se nossa pela fé e pelo batismo e crescer com a Eucaristia, os outros sacramentos e uma vida de oração e caridade sincera. Neste sentido podemos pois afirmar que, Deus não só nos salvou na Cruz, mas nos está a salvar e a libertar de todo o mal. Este processo da regeneração do homem em Cristo inclui também a toda a criação à qual a pessoa humana está ligada por um vínculo de solidariedade especial.

8 S. Paulo VI, *Evangelii nuntiandi*, n. 9.

9 S. João Paulo II, *Salvifici doloris*, n. 19.

Por isso enquanto durar a história humana, durará este processo de libertação do homem e da criação do poder opressor do mal. A vitória definitiva sobre o mal é escatológica, ou seja, dá-se plenamente apenas no fim da história. O Reino de Deus já está entre nós mas ainda não chegou à sua plenitude, deve crescer até à ceifa. «A Igreja só na glória celeste alcançará a sua realização acabada, aquando do regresso glorioso de Cristo. Até esse dia, a Igreja avança na sua peregrinação por entre as perseguições do mundo e das consolações de Deus. Vivendo na terra, ela tem consciência de viver no exílio, longe do Senhor e suspira pelo advento do Reino em plenitude, pela hora em que espera e deseja juntar-se ao seu Rei na glória. A consumação da Igreja – e através dela, do mundo – na glória, não se fará sem grandes provações. Só então é que todos os justos, desde Adão, “desde o justo Abel até ao último eleito”, se encontrarão reunidos na Igreja universal junto do Pai»¹⁰.

6. «Eu sei em Quem pus a minha confiança» (2Tim 1,12)

Se o sofrimento faz parte do plano de Deus para a nossa salvação será que podemos pedir-Lhe o fim desta pandemia e a cura dos que estão doentes? Não poderá isso ir contra os planos da Divina Providência? «Não só é louvável a oração de todo o fiel que pede a cura, sua ou alheia, mas a própria Igreja na sua liturgia pede ao Senhor pela saúde dos enfermos»¹¹. A divina Providência conta com a nossas preces, as quais nos serão atendidas no modo mais conveniente para a nossa salvação e santificação. Na realidade, «há muitos projetos no coração do homem, mas é a vontade do Senhor que prevalece» (Pr 19,21).

É preciso rezar com perseverança e confiança na misericórdia de Deus, «Jesus reclama um abandono filial à Providência do Pai celeste, que cuida das mais pequenas necessidades dos seus filhos»¹². «Lançai – exorta-nos S. Pedro – sobre Deus toda a vossa inquietação porque Ele cuida de vós» (1Pd 5,7) mas é igualmente necessária uma atitude de abandono confiante nas Suas mãos, sabendo que é nosso Pai e nos dará sempre o que for melhor para nós. Na verdade, «a atitude certa do cristão consiste em pôr-se com confiança nas mãos da Providência»¹³. Com esta atitude, S. Teresinha do Menino Jesus exclamava: «gosto de tudo o que Deus me dá»¹⁴.

10 *Catecismo da Igreja Católica*, n. 769.

11 Congregação para a Doutrina da Fé, Instr. *Sobre as orações para alcançar de Deus a cura*, 14.09.2000, n. 2.

12 *Catecismo da Igreja Católica*, n. 305.

13 *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2115.

14 S. Teresinha do Menino Jesus, *Últimas conversas*, 14-VIII.